

TRAJETÓRIAS AFETIVAS: TRÊS NARRATIVAS FEMININAS NA PUC-RIO

Aluna: Ana Clara de Amorim Inocência

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Marco Antônio Pamplona, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves

1.0 – Introdução

Em meu texto anterior para o PIBIC, ao pesquisar sobre o Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM), criado na PUC-Rio na década de 1980, coloquei-me a refletir sobre a questão das múltiplas expressões do feminino que podem ser encontradas nas trajetórias de cada mulher. O modo como a atuação feminina nos espaços que temos enquanto sociedade pode significar muito mais do que imaginamos. Pensei sobre o impacto de narrativas femininas em minha vida. Um movimento que tira o foco dos eventos encadeados na história e concentra sua atenção nas narrativas humanas que vivem esses períodos. Mas, ainda assim, não fiquei satisfeita em pensar o impacto dessas trajetórias de maneira superficial. A questão do feminino neste trabalho é atravessada pelo modo como Cleonice Berardinelli, Joana Brandão e Fanny Tabak assumiram posições de protagonismo na PUC-Rio a partir de lugares e atuações muito distintas. Cleonice Berardinelli é professora do Departamento de Letras da PUC-Rio desde a década de 1960, seu trabalho conta com uma intensa dedicação ao ensino e pesquisa com ênfase em Literatura Portuguesa [1]. Joana Brandão foi uma mulher muito querida por aqueles que a conheciam, trabalhou como funcionária da limpeza na Universidade a partir de 1958 e atuou especialmente na proteção de alunos, professores e funcionários no período da ditadura militar brasileira [2]. Fanny Tabak foi professora do Departamento de Sociologia da PUC-Rio na década de 1980, sua atuação tinha ênfase em uma militância acentuada no que diz respeito a uma luta feminista que resultou na fundação do NEM [3]. Suas atuações na Universidade foram responsáveis, em muitos níveis, por colocar em pauta a questão da mulher e do feminino seja através de uma luta feminista militante anunciada para além do âmbito acadêmico, como é o caso de Fanny Tabak, ou através de uma presença marcante em seus espaços específicos de atuação, como no caso de Cleonice Berardinelli e de Joana Brandão. Interessa-me, nesse sentido, compreender o modo como somos atravessados por ideias em nosso cotidiano que demonstram uma mudança de paradigma na nossa percepção social através de uma identidade expressiva marcada pelo Afeto. Trata-se de sublinhar, através da memória e trajetória dessas três mulheres, a variedade de maneiras de ser agente de mudanças, de agir e afetar os outros.

Quando dei início à minha pesquisa de Iniciação Científica do ano passado, eu não tinha ideia de como ela me deixaria com tantos questionamentos internos a serem resolvidos. De início, imaginei que meu foco estaria, principalmente, nos conceitos com os quais já tenho uma certa afinidade, tais como o conceito de Corpo sem Órgãos, do artista francês Antonin Artaud (1896-1948), e o conceito de Afeto, do filósofo holandês Baruch Espinosa (1632-1677). Entretanto, ao lado desses conceitos, a questão das trajetórias femininas na PUC-Rio continuou capturando minha atenção por conta da potência de Cleonice Berardinelli, Joana Brandão e Fanny Tabak. Do mesmo modo que interpreto o termo Afeto como a capacidade de afetar o outro e, ao mesmo tempo, ser afetado, a minha experiência de pesquisa e mergulho nesse universo não poderia passar de modo indiferente a tantas questões que se aproximaram de mim, principalmente considerando as entrevistas que realizei ao longo do último ano, contato que apenas me deixou mais instigada a compreender melhor os questionamentos que ficaram para mim.

Por conta dessas múltiplas questões, me interessei em refletir sobre as trajetórias femininas no espaço da PUC-Rio. Em minha última pesquisa de PIBIC, trabalhei com a

memória dessas três mulheres que passaram pela Universidade, deixando uma marca no espaço acadêmico e social. Pretendo pensar nelas através do modo como atuaram na PUC-Rio. Três mulheres: tão diferentes entre si e tão especiais no seu modo de ser e de estar presente na Universidade. Cada uma ao seu modo, cada uma com a sua maneira de afetar o outro e de ser afetada por aquilo que estava a sua volta.

O presente trabalho de Pesquisa em Iniciação Científica foi realizado por mim, Ana Clara de Amorim Inocêncio, graduanda de Artes Cênicas da PUC-Rio e bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Memória da PUC-Rio. O Núcleo é vinculado à Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos (VRAC) e é coordenado pelo professor Marco Antônio Villela Pamplona. Também conta com os pesquisadores professora Margarida de Souza Neves, Clóvis Gorgônio, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves, o fotógrafo Antônio Albuquerque, e atualmente, além de mim, com mais quatro bolsistas de Iniciação Científica: Danielle Larrate de Andrade, João Paulo Medeiros da Costa, Juliana Ramos Capossoli e Túlio Gomes Vuolo.

2.0 – Relatório Técnico

2.1 – Atividades em Equipe

No período de elaboração dessa pesquisa, as atividades do Núcleo de Memória se intercalaram entre atividades remotas e presenciais. Desde agosto de 2021, a equipe seguiu com o trabalho remoto e, a partir de março de 2022, as atividades retornaram ao modelo presencial.

- Tivemos reuniões semanais com a participação de toda equipe: coordenadores, pesquisadores e bolsistas; tendo como principais atividades a elaboração de projetos, sistematização da agenda de tarefas, troca de experiências e discussão de textos e filmes em seminários;

- **30/08/2021:** A equipe recebeu como convidados o professor Gustavo Robichez e Claudio Perpétuo, ambos da CCEAD, para discutir sobre o projeto Memórias da Pandemia na PUC-Rio;

- **06/09/2021:** A equipe discutiu o andamento do projeto Memórias da Pandemia. Ao final, foi feito o cronograma de atividades para o mês de setembro;

- **13/09/2022:** A equipe debateu a proposta “Memórias da pandemia do Covid-19 na comunidade PUC-Rio – impactos, ações e transformações”, elaborados pelos pesquisadores do Núcleo de Memória para concorrer ao edital do IEAHu da PUC-Rio.

- **27/09/2021:** Silvia apresentou para a equipe o roteiro da sua apresentação no webinar “Derrubando estátuas: história e memória”, organizado pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares Ibero-Americanos da PUC-Rio.

- **30/09/2021:** A equipe conversou sobre as apresentações das pesquisas realizadas por mim e pelo bolsista Edson de Souza para a XXIX Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica PUC-Rio;

- **04/10/2021:** Reunião com a participação do professor Diego Galeano (Departamento de História) que apresentou o projeto que, entre outros objetivos, digitalizará os três volumes da pesquisa intitulada "Forças de segurança e ordem no Rio de Janeiro - 1822 a 1915", realizada em 1981 no Departamento de História com financiamento da FINEP.

- **11/10/2021:** Reunião com a participação dos professores Larissa Corrêa (HIS) e Alexandre Fortes (UFRRJ) para a discussão do Projeto História Digital e Acervos, iniciativa em parceria entre a UFRRJ, a UFRJ e a PUC-Rio;

- **18/10/2021:** Discussão sobre o projeto Memórias da Pandemia. A equipe discutiu as propostas para tela inicial e para o formulário do *hotsite* do projeto Memórias da Pandemia;

- **25/10/2021:** A bolsista Juliana apresentou uma proposta de pesquisa para o seu projeto de PIBIC;

- **08/11/2021:** Silvia apresentou a sugestão elaborada por ela, Clóvis e Eduardo para realizar laboratórios de documentação com a equipe.
- **29/11/2021:** Seminário sobre o texto "Da universidade à pluriversidade e à subversidade", do sociólogo Boaventura de Sousa Santos (parte 1);
- **06/12/2021:** Seminário sobre o texto "Da universidade à pluriversidade e à subversidade", do sociólogo Boaventura de Sousa Santos (parte 2);
- **03/01/2022:** Reunião de equipe destinada ao planejamento e organização das atividades previstas para o primeiro semestre de 2022;
- **10/01/2022:** Debate conduzido pela profa. Margarida de Souza Neves sobre a relevância da bibliografia enquanto ferramenta de trabalho. A partir dessa discussão, a professora pontuou o fato de a bibliografia fazer parte de um processo de construção. Ao final, ela sugeriu que fosse elaborada uma bibliografia que contasse com textos bases para o trabalho do Núcleo de Memória;
- **24/01/2022:** Os pesquisadores e professores Marco, Margarida, Clóvis, Silvia e Eduardo descreveram um pouco de suas trajetórias acadêmicas, particularmente quanto à iniciação científica;
- **17/01/2022:** Discussão sobre o projeto Memórias da Pandemia e sobre o andamento do hot site e suas pendências;
- **31/01/2022:** Apresentação das ideias preliminares de PIBIC das bolsistas Ana Clara de Amorim Inocêncio e Juliana Capossoli;
- **07/02/2022:** Primeira sessão do Laboratório de Documentação conduzida por Silvia, Eduardo e Clóvis. Os pesquisadores introduziram a temática mencionando o modo como o acervo do Núcleo de Memória foi constituído;
- **14/02/2022:** Seminário sobre o filme "Nostalgia da Luz", do cineasta chileno Patricio Guzmán;
- **21/02/2022:** Os bolsistas apresentaram os desdobramentos das ideias iniciais para o PIBIC e a equipe discutiu as ideias. Ao final, a profa. Margarida de Souza Neves apresentou o que é um projeto de pesquisa;
- **08/03/2022:** Primeira reunião realizada de maneira presencial. Discussão do cronograma de atividades para o mês de março;
- **15/03/2022:** Passeio pelo campus guiado por Clóvis e Eduardo com os bolsistas. Nesse passeio, fomos apresentados a espaços referenciais na memória da Universidade;
- **05/04/2022:** Segunda sessão do Laboratório de Documentação conduzida por Silvia, Eduardo e Clóvis. Nesse encontro, os bolsistas levantaram suas observações acerca dos documentos do Acervo do NEM analisados previamente;
- **12/04/2022:** Terceira sessão do Laboratório de Documentação conduzido por Silvia, Eduardo e Clóvis. Os três pesquisadores apresentaram aos bolsistas o conceito de documento. Além disso, eles também explicaram as etapas de análise de um documento antes da publicação;
- **19/04/2022:** Oficina de Metadados conduzida por Clóvis e Eduardo. Nessa reunião, os bolsistas foram introduzidos às atividades do Núcleo de Memória em relação ao acervo, ao conceito de documento e, também, ao modo como os documentos devem ser analisados para que eles possam ser incluídos em um acervo;
- **26/04/2022:** O prof. Marco Pamplona coordenou o seminário sobre o texto "Reflexões sobre a cientificidade da História", de José Carlos Chiaramonte. Nesse texto, o autor propõe uma discussão em torno da ideia da construção do conhecimento histórico, da história enquanto campo de estudos e pesquisa;
- **29/04/2022:** Reunião conduzida por Clóvis, Silvia e Eduardo para falar sobre metadados no aspecto teórico;
- **03/05/2022:** Reunião dedicada a exposição do balanço de atividades dos bolsistas para as Jornadas de PIBIC 2022;

- **06/05/2022:** Reunião conduzida por Clovis para falar sobre metadados nos aspectos teóricos e práticos através de demonstrações no funcionamento no site do Núcleo de Memória;
- **10/05/2022:** Reunião dedicada a exposição das ideias do bolsista João Paulo Costa para as Jornadas de PIBIC 2023;
- **17/05/2022:** Seminário sobre o filme “Cordilheira dos Sonhos”, do cineasta chileno Patricio Guzmán;
- **20/05/2022:** Reunião para falar sobre os projetos Memórias da Pandemia e Memória Circular com a participação dos pesquisadores Silvia, Eduardo, Clóvis e dos bolsistas João e Ana;
- **24/05/2022:** Apresentação do projeto Memória Circular conduzida por mim e por Silvia;
- **31/05/2022:** A bolsista Danielle apresentou a primeira versão de seu relatório de PIBIC. Ao final, a equipe fez comentários e direcionamentos acerca de sua pesquisa.
- **07/06/2022:** A bolsista Ana Amorim apresentou a primeira versão de seu relatório de PIBIC. Ao final, a equipe fez comentários e direcionamentos acerca de sua pesquisa.
- **21/06/2022:** A equipe discutiu o andamento e o lançamento do projeto Memórias da Pandemia. Tanto o website, quanto o Instagram foram lançados no dia 13/06/2022;
- **28/06/2022:** Seminário sobre o filme “El botón de nácar”, do cineasta chileno Patricio Guzmán;
- **05/07/2022:** A equipe discutiu a primeira versão dos resumos de PIBIC das bolsistas Ana Amorim e Danielle Larrate;
- **19/07/2022:** A equipe discutiu propostas de textos e filmes para os próximos seminários.
- **26/07/2022:** A profa. Margarida apresentou para a equipe uma proposta para publicação de eventos realizados pelos departamentos, centros, decanatos e unidades da PUC-Rio nos anos de 2020, 2021 e 2022 no site projeto Memórias da Pandemia.
- **28/07/2022:** A equipe visitou a mostra Amazônica de Sebastião Salgado no Museu do Amanhã. As obras do fotógrafo brasileiro são resultado de quase uma década de experiências e expedições de Sebastião Salgado na parte brasileira da Floresta Amazônica;
- **02/08/2022:** A equipe visitou o Museu das Remoções na Vila Autódromo. O museu é dedicado à memória da Vila Autódromo, um espaço que atravessou problemas com os poderes públicos no que se refere à lógica de construção e urbanização predatória da cidade;
- **08/08/2022:** As bolsistas Ana Amorim e Danielle Larrate apresentaram a nova versão de seus relatórios de PIBIC e a equipe discutiu sobre o andamento da pesquisa de cada uma.

2.2 – Atividades Individuais

- Análise e digitalização do material do NEM cedido pela ex-professora Sueli Bulhões;
- Análise e digitalização dos materiais do NEM contidos nas pastas do arquivo da Reitoria;
- Elaboração técnica e criação de conteúdo para o Instagram para o Projeto Memórias da Pandemia;
- Elaboração do Projeto Memória Circular com a pesquisadora Silvia Ilg;
- Participação no Curso Inter-Asian Contacts and the Invention of Everyday Cultures, oferecido pela Hong Kong Baptist University (HKBU);
- **22/03/2022:** Coordenei o seminário sobre o texto “O rastro e a cicatriz: metáforas de memória” da filósofa Jeanne-Marie Gagnebin. Nesse texto, a autora aborda o conceito de rastro como algo que faz parte da história, mas que é fruto do acaso e da negligência.
- **10/06/2022:** Apresentação do projeto Memória Circular no “II Seminário de Extensão Universitária na PUC-Rio: caminhos interdisciplinares de ação e reflexão” juntamente com a pesquisadora Silvia Ilg;

3.0 – Relatório Substantivo

TRAJETÓRIAS AFETIVAS: NARRATIVAS FEMININAS QUE CIRCULAM A PUC-RIO

“Quando as mulheres se voltam para o passado e se reconhecem na cultura feminina não é ao feminino como essência que se referem, mas ao feminino como experiência.”

- Rosiska Darcy de Oliveira¹

3.1 – Introdução

Ao escrever *O Perigo de uma História Única*, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie explicita o modo como devemos ter cuidado ao colocar em pauta a ideia de que a história possui um caráter linear e canônico [4]. Chimamanda constrói seu texto a partir da experiência que ela teve ao se mudar para os Estados Unidos, onde percebeu os estereótipos e preconceitos dirigidos a ela por sua origem africana. Apesar da mensagem da escritora possuir um teor racial e cultural, sua reflexão é enriquecedora para trazer à tona o modo como, por vezes, pautamos nosso pensamento em histórias de caráter unidimensional, esquecendo das particularidades de cada indivíduo. Construir uma memória coletiva é uma tarefa que implica, por vezes, na criação de uma versão narrativa que assume uma perspectiva única da história, que carrega consigo uma promessa de objetividade e simplicidade. Entretanto, através dessa memória, é possível promover lembranças do mesmo modo em que são gerados os esquecimentos. “O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva.” [5].

A filósofa Jeanne-Marie Gagnebin, ao apresentar o pensamento de Walter Benjamin em *Sobre o conceito da história*, aponta que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'tal como ele propriamente foi'” [6]. Gagnebin afirma que a história é, ao mesmo tempo, uma forma narrativa e um processo real de organização sequencial das ações humanas [7]. Acreditar na História Única é uma forma de promover aquilo que Benjamin critica: criar uma única narrativa que seleciona a história em períodos segmentados através do encadeamento de eventos. Nessa versão, os conflitos não existem ou, pelo menos, não importam tanto. Gagnebin aponta que, na realidade, o ato de narrar acontecimentos através de uma perspectiva histórica diz respeito a uma reconstrução do passado através dos rastros deixados por ele [8].

É claro que, para construir a história enquanto campo de estudos, é impossível dar conta de tudo. Entretanto, “a História tem como característica peculiar a de reunir duas perspectivas intelectuais que costumam ser consideradas incongruentes: o estudo de regularidades e a indagação e relato de acontecimentos particulares”[9]. Estudar e construir aquilo que temos enquanto história é fazer uma seleção; um recorte de fontes, memórias, períodos. Sobre as regularidades, pode-se indicar uma construção mais ou menos objetiva de eventos que sucederam em um momento anterior ao nosso presente. Sobre as particularidades, pode-se trazer à tona as memórias individuais de cada um. O modo como reconstruímos o que aconteceu através de informações que temos em nossas imagens de passado. Entre o lembrar e o esquecer, o encontro dessas duas perspectivas intelectuais assinala a importância de pensar a história para além da História Única. Trata-se de reconhecer uma versão mais plural de nossa história e deixar de lado uma perspectiva histórica linear estática.

Tal percepção vai desde uma visão daquilo que temos enquanto história do mundo até uma visão da história que compreende a seleção analítica de um pequeno espaço ou curto

¹ DE OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **Elogio da diferença**: o feminismo emergente. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 15.

período de tempo. No caso desta pesquisa, me interessa pensar trajetórias particulares dentro do espaço acadêmico da PUC-Rio. Temos a história institucional da Universidade, mas também temos as múltiplas memórias que compõe essa história, dando sentido e identidade a cada indivíduo que fez e faz parte da comunidade PUC-Rio. Dentre as trajetórias que chamaram a minha atenção, gostaria de destacar três mulheres que se tornaram referências para mim na memória da Universidade: Cleonice Berardinelli, Joana Brandão e Fanny Tabak.

Cleonice Berardinelli é professora. Joana Brandão foi servente. Fanny Tabak foi professora e militante feminista. Cleonice Berardinelli atua como professora do Departamento de Letras da PUC-Rio. Sua trajetória é marcada por sua atividade profissional de excelência como docente e pesquisadora. Joana Brandão foi funcionária da limpeza na Universidade, atuando principalmente no Departamento de Engenharia Civil. Sua trajetória é composta por um caráter afetivo muito acentuado expresso pelas palavras daqueles que a mantêm na memória. Fanny Tabak atuou na PUC-Rio como docente e pesquisadora no Departamento de Sociologia e foi fundadora do Núcleo de Estudos sobre a Mulher. Ela possui uma trajetória marcada, principalmente, pela sua intensa atuação no que diz respeito à luta pelos direitos das mulheres.

Três trajetórias diferentes que se cruzam na forma como elas foram capazes de deixar uma marca na memória de pessoas que estiveram ao lado delas, o modo como elas afetaram outras pessoas. Elas produziram afecções capazes de gerar transformações em suas áreas de atuação. Suas memórias são relevantes para história da Universidade, cada uma ao seu modo. Cleonice Berardinelli é uma grande referência acadêmica em Literatura Portuguesa, com uma extensa produção de pesquisa sobre o assunto. Joana Brandão foi servente e nesta função salvou inúmeras vidas durante a ditadura militar brasileira. Fanny Tabak criou o Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM) na década de 1980, o primeiro grupo de pesquisa sobre essa temática na América Latina.

Refletir sobre as trajetórias de Cleonice Berardinelli, Joana Brandão e Fanny Tabak é uma forma de trazer à tona novas narrativas. Quando Svetlana Aleksievitch escreve a obra *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher*, ela coloca em pauta as narrativas femininas que foram apagadas da Segunda Guerra Mundial.

A história dos grandes feitos na humanidade ao longo dos anos é conhecida, contada e reproduzida todos os dias. O que Svetlana faz – e que deveria ser feito com mais frequência em nossos escritos e documentos – é contar sobre o ser humano na história, aquilo que é profundo e íntimo, uma perspectiva que não é normalmente colocada em evidência. [10]

Contamos a História, mas também precisamos conhecer as histórias, narrativas particulares, que trazem uma visão mais plural daquilo que temos como memória coletiva. Svetlana traz a memória da mulher na guerra, eu trago a memória dessas narrativas femininas na PUC-Rio.

3.2 – Narrativas do feminino: múltiplas perspectivas na construção da história da PUC-Rio

Em seu livro *Mulher: feminino plural*, a psicóloga brasileira Dulcinéa da Mata Ribeiro Monteiro aponta que muitas “minas preciosas foram soterradas sob os entulhos da cultura” [11]. Segundo ela, tal acontecimento é responsável por esmagar a espontaneidade, as emoções e a intuição. Foi dessa forma que a conexão com as raízes emocionais femininas foi perdida, subvertidas pelos paradigmas masculinos da cultura dominante. A psicóloga dá prosseguimento ao seu texto ao se apropriar da reflexão do psiquiatra suíço Carl Jung, apontando que “viver é igualmente abrir-se à transformação, num incessante diferenciar-se e individualizar-se” [12].

Diante de uma realidade cultural e histórica que se produz através do diálogo e do conflito, diante da tensão de contrários, mas que se estabelece como uma História Única dominante, o ato de individualizar-se se traduz como um processo demorado e complexo. Se

conectar com o feminino que, segundo Jung, habita nosso inconsciente coletivo é muito mais do que simplesmente se apropriar de padrões simbólicos que fazem parte de nosso meio social [13]. É algo muito mais complexo e profundo do que simplesmente assumir características culturais que são tidas como representação do que é ser mulher. Na realidade, o contato com esse feminino interior parte de três movimentos que se produzem em nosso cotidiano: qualidade de percepção, processo de encontro e diferenciação [14]. Para o acontecimento desses três movimentos, a alma interpreta o nosso cotidiano, produzindo experiências e compreensões acerca de nossa realidade subjetiva [15].

Se o feminino que existe em cada um de nós passa por um processo de diferenciação derivado de nossa experiência, então aquilo que temos como expressão desse feminino é variável e plural. Segundo a escritora Rosiska Darcy de Oliveira, “a identidade não pode evitar uma referência aos gestos que modulam o cotidiano e que situam o olhar feminino sobre a vida em um ponto de vista específico, balizado por uma acumulação de experiências” [16]. Tal consideração de Rosiska apenas reforça o fato de que a experiência feminina assume para si um ato de recusa aos limites do que define o que é ou não feminino. É através de múltiplas vivências que se torna possível pensar em uma ideia de um feminino capaz de ganhar novas formas: “Dar voz e oferecer escuta ao feminino em desorganização geradora de novas versões de si mesmo” [17]. Tal desorganização é responsável por oferecer uma nova estrutura que situe o feminino como uma experiência coletiva e plural que possibilite a criação de relações no tempo e no espaço. Mas que, paralelamente, atravesse a individuação, tornando a experiência do feminino particular ao mesmo tempo em que assume um caráter coletivo. É através dessas relações que se torna possível criar uma rede de conhecimento, capaz de inspirar novas reflexões e estimular afecções.

Pesquisar a trajetória dessas três mulheres é buscar compreender o modo como as particularidades são capazes de criar um cenário mais rico para novas formas de narrar a história da PUC-Rio. Essas três mulheres despertaram em mim múltiplos interesses e reflexões. Cada uma delas à sua maneira e a partir de um tema diferente. Com Cleonice Berardinelli, me interessei mais ainda pela literatura e escrita. O teatro, enquanto arte dramática, é essencialmente pensado a partir da comunicação, transmissão, conexão. Isso sempre me atraiu em meu ofício de atriz. Cleonice me apresentou as múltiplas maneiras de propor esse diálogo no universo literário, a partir da bela melodia produzida entre o dramático e o narrativo. Fanny Tabak me atraiu por conta das questões do movimento das mulheres dentro da PUC-Rio através do Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM). Entretanto, não foi sua militância fervorosa que me cativou e me instigou a criar um trabalho sobre ela, mas sim o modo como ela foi uma mulher pioneira, capaz de ser a diferença através daquilo em que ela acreditava. Joana Brandão era uma mulher simples, mas que sabia o que significa viver. Me admirei pelo modo como todos falam com carinho de sua trajetória. Com ela eu entendi o verdadeiro significado de coragem e lealdade. Cada uma dessas mulheres possui uma realidade muito particular, mas elas tomaram para si um impulso para fazer a diferença dentro de seus espaços de atuação. Às vezes são as simples atitudes do dia a dia, são as pequenas trajetórias que nos ensinam muito sobre o que é lutar pelo nosso lugar no mundo. Essa mudança social que tanto falamos pode (e deve) vir também das atuações particulares que estão em nosso círculo de convivência.

A partir daí, me interessa pensar as mulheres (das mais variadas) que estão por trás das mais diversas narrativas que se contrapõe à História Única. Combater o conceito de História Única, como proposto por Chimamanda, atravessa o conhecimento sobre essas trajetórias particulares que fazem parte de nosso cotidiano. É uma forma de identificar protagonistas e vozes para além daquelas que já possuem grande destaque. Com isso, se torna natural ter como referências mulheres que estão por perto, transmitindo valores e experiências, ao invés de buscar por reflexões de pessoas que muitas vezes não compartilham uma realidade conosco. No meu caso reconheci essas referências em mulheres que fazem parte de minha própria

trajetória, incluindo, mesmo que apenas através de pesquisas, Cleonice Berardinelli, Joana Brandão e Fanny Tabak. Reconheço em suas atuações algo para se admirar, algo para lutar e para se sentir. Aprendi com cada uma delas coisas que me formaram enquanto indivíduo, pesquisadora e artista.

O trabalho de Cleonice Berardinelli, dentro e fora da Universidade, esteve atrelado ao estudo da literatura portuguesa. Ela é uma figura notável no que diz respeito à conquista de reconhecimento e expansão do conhecimento científico no universo das letras. Sua trajetória acadêmica começou com uma graduação em Letras Neolatinas na USP em 1938 e seguiu como algo essencial em sua vida. Uma vida inteira dedicada ao fervor do ensino e da pesquisa. Uma cientista rígida, mas apenas em seu método. Em 2010, ela tomou posse como Imortal da Academia Brasileira de Letras [18]. Entretanto, o seu contato com a literatura é muito anterior à sua graduação, fruto de sua infância. Tudo começou com o incentivo de seus pais. Aos 7 anos a jovem Cleonice escreveu seu primeiro poema [19] e aos 13 anos já era capaz de declamar cerca de 200 poemas que viviam em sua memória [20]. Cleonice assinala que não gosta de esquecer, sente como se estivesse perdendo alguma coisa [21].

Quando moça, o pai de Cleonice se mudou para São Paulo e ela acabou se distanciando desse universo [22]. O desejo de ser engenheira se apoderou dela, queria construir pontes, gerar conexões físicas entre pessoas. Ela manteve esse desejo vivo até que um professor de português recomendou que ela se inscrevesse para o curso de Letras da USP, uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras recém-criada em São Paulo. A mãe de Cleonice prontamente concordou com o professor, pois acreditava que a filha não deveria ficar no meio de estradas e operários [23]. Cleonice se tornou, assim, aluna de Letras da USP.

A trajetória de Dona Cléo, como é carinhosamente chamada, é sinônimo de excelência acadêmica. Sua presença na Universidade enquanto uma referência em ensino e pesquisa diz muito sobre a inserção de mulheres no meio acadêmico. Ela conquistou o título de Doutora *Honoris Causa* em 1996 pela Universidade de Lisboa, considerado o título mais importante que pode ser concedido em uma universidade [24]. Tal título reconhece Cleonice como um destaque eminente no que se refere a contribuições no campo da cultura, educação e humanidades. É importante assinalar que esse título partiu de uma universidade portuguesa, um país que é reconhecido por sua tradição patriarcal com pouca flexibilidade, mas que mesmo assim reconhece Cleonice como uma autoridade em literatura portuguesa canônica e clássica. Da mesma forma que Portugal, o Brasil também possui uma tradição patriarcal e sexista, mesmo com a manifestação de uma luta explícita no movimento das mulheres. A Academia Brasileira de Letras (ABL), por exemplo, apresenta uma ínfima participação feminina, composta por 35 membros (no momento de realização desta pesquisa) dos quais apenas cinco são mulheres [25].



Figura 1 – Imagem oficial dos Imortais da Academia Brasileira de Letras. 2017. Revista Veja.

Na Figura 1, Dona Cléo posa para a foto ao lado dos outros membros da ABL, sentada na primeira fileira entre os dois senhores que utilizam uma faixa azul em seus trajes. Diferentemente dos outros membros, Dona Cléo esboça uma pose espontânea, cheia de vida. Como sempre, ela consegue transmitir vida e elegância através da captura do momento que ela faz parte. Em sua trajetória, Cleonice não explicitou publicamente posição em relação ao movimento das mulheres. Contudo, é interessante pensar que a sua inserção nesses espaços já é suficiente para expressar a importância das trajetórias particulares na construção de uma memória coletiva, uma forma de impulsionar outras pessoas a seguirem seus próprios caminhos com coragem. No caso de Dona Cléo, sua potência afetiva e coragem intelectual foram responsáveis por abrir espaço para que outras mulheres pudessem se destacar intelectualmente e profissionalmente.



Figura 2 – Fotografia Cleonice Berardinelli. Capa do Livro *Genuína Fazendeira: os frutíferos 100 anos de Cleonice Berardinelli*. Fotografia desconhecido.

Na figura 2, é possível ver uma versão bem diferente da Dona Cleonice que estamos acostumados. A imagem que estampa a capa da obra *Genuína Fazendeira: os frutíferos 100 anos de Cleonice Berardinelli* traz uma moça de feição séria sob os galhos de uma árvore, em plena energia e juventude. De maneira observadora, Dona Cléo parece ver além do que a paisagem a mostrava naquele momento. Daquela altura, era possível projetar todas as pontes que ela desejava construir e que, ao longo de sua trajetória, se concretizaram.

Segundo Rafael Trindade, responsável pelo blog *Razão Inadequada* que produz conteúdo independente sobre filosofia, “somos corpos que se relacionam com outros corpos; quando sofremos suas afecções, quando somos afetados pelos outros corpos, sofremos uma alteração, uma passagem” [26]. As afecções são os encontros pontuais de um corpo com o outro [27]. É através dessas afecções que se formam os afetos e foi dessa forma que a trajetória de Cleonice Berardinelli se tornou tão relevante para minha pesquisa. Ao longo de sua vida, Dona Cléo cultivou muitos encontros. Desde os momentos em sala de aula até aqueles que eram mais particulares. A jovem senhora em uma de suas entrevistas revela que “das profissões, professora é a que dá mais gratificação amorosa. Tenho mais de mil ex-alunos” [28]. No caso de Cleonice, a profissão do magistério foi a forma que ela encontrou para construir as pontes que ela tanto desejava em seu sonho da juventude de ser engenheira. Foi a partir de sua paixão fervorosa pelo conhecimento que ela esteve presente em inúmeros encontros, criando milhares de possibilidades de afetos. Em mim, Dona Cléo despertou a admiração.

Joana Brandão também é uma pessoa muito querida para aqueles que a mantêm em suas lembranças. Ela foi funcionária da limpeza do Departamento de Engenharia Civil na década de 1960 até 2003. Depois de tantos anos, Joana Brandão deixou de ir trabalhar em razão de sua saúde precária. “Mas nunca passou pela cabeça de ninguém demitir ou aposentar a D. Joana” [29] e, com isso, ela continuou como funcionária da Universidade até o momento de seu falecimento. Uma mulher nascida no Maranhão durante as comemorações de São João [30]. O nome Joana é derivado do hebraico, surgindo a partir do termo *Yehokhanan*. Se trata de um nome bíblico relacionado ao divino e significa “a graça de Deus” [31]. Joana Brandão era uma mulher admirada e querida por alunos, professores e funcionários que lhe deram o apelido carinhoso de Dona Joana. Sua graça estava em seu sorriso doce, generoso e convidativo. Daqueles que estão sempre prontos para iniciar uma conversa animada. Ela sabia aproveitar as pequenas coisas da vida, as felicidades clandestinas oferecidas em meio à dureza do que era as condições de vida de uma mulher negra, migrante e moradora de comunidade e que, também, viveu a repressão da ditadura militar. O regime militar no Brasil foi um marco que atravessou Dona Joana em seu sentido mais pessoal e afetivo. Durante esse período, especialmente após a decretação do AI-5, Dona Joana atuou com grande relevância na proteção de alunos, funcionários e professores que estavam sendo perseguidos [32]. Ela abrigava essas pessoas em sua casa, um humilde barraco localizado no Parque Proletário da Gávea. Mesmo sem qualquer estrutura, ela tinha um ímpeto muito natural a ajudar aqueles que estavam ao seu redor. Era uma atitude que atravessava o aspecto afetivo até mais do que o aspecto político.



Figura 3 - Fotografia de Dona Joana. c. 1970. Fotógrafo: Alberto Strozenberg. Acervo Alberto Strozenberg.

Em seu sorriso singelo, como o registrado na Figura 3, Dona Joana era capaz de iluminar o mundo. No retrato, ela ainda não era aquela senhora que cativou tanta gente dentro da Universidade, mas já era a mulher graciosa que capturou minha admiração. A fotografia foi tirada por Alberto Strozenberg, ex-aluno da PUC-Rio e engenheiro elétrico. Ele é um dos muitos “filhos” de Dona Joana, um dos alunos que ela considerava “seus meninos”. Durante seu período de atuação na Universidade, Dona Joana conheceu muita gente e cultivou muitas amizades. Alguns dos alunos cativaram a sua atenção e ela, seguindo seu próprio critério, adotou aqueles jovens como seus filhos de coração. Alberto Strozenberg guarda fotos de Dona Joana em seu álbum de família pois, segundo ele, ela era sua “mãe preta”. Segundo Susan Sontag, escritora e cineasta norte-americana, as famílias constroem crônicas visuais de si mesmas a partir dessas imagens [33]. Cria-se um rito onde o álbum de família registra um conceito ampliado de família, um modo de demonstrar a continuidade daquela vida familiar através das imagens [34]. Dona Joana, mãe preta de Strozenberg, não possui laços sanguíneos ou de parentesco com o ex-aluno da Universidade. Entretanto, os dois compartilhavam um emaranhado de memórias e uma conexão que poderia, muito bem, ser de mãe e filho.

Joana Brandão é sinônimo de força. Um compilado de Afetos Ativos – ações que temos perante o mundo que produzem maneiras de afetar o outro – conjurados em potência transformadora. Afetos que a levaram a ser considerada poderosa dentro da Universidade. Segundo o funcionário José Nilson, Dona Joana era quase como um sistema de rádio e comunicação, tudo para ajudar seus filhos de coração [35]. Uma capacidade de circular por aquele ambiente, identificando cada coisa. Ela sabia de cor o modo como a Universidade funcionava, mas não em relação a qualquer tipo de regra ou burocracia. Ela conhecia as pessoas. Sabia quem circulava, quem era “pedra-noventa” [36]. Foi dessa forma que um episódio crítico ocorreu durante a ditadura, um dia em que ela salvou vidas explicitamente, materialmente. Em um dia como outro qualquer, um grupo de homens vestidos de gari começou a varrer o campus, recolher o lixo [37]. Atitude estranha, pensou Dona Joana, pois nunca houvera garis circulando pela universidade e, muito menos, recolhendo o lixo do campus. Ela percebeu na hora. Não era uma atividade de limpeza cotidiana, mas sim uma manobra policial para identificar e encontrar as lideranças do movimento estudantil. Observadora e desconfiada, Dona Joana logo percebeu e acionou todos “os seus meninos” [38]. Foi assim que eles saíram da PUC-Rio em segurança, guiados por ela através de vias alternativas e se livrando de um trauma que poderia ter criado raízes em seus afetos.

No que se refere aos laços afetivos de Dona Joana, a relação entre ela e os “seus meninos” indicava respeito, preocupação, admiração e lealdade. José Eugênio Leal, professor do Departamento de Engenharia Civil da PUC-Rio, lembra que, em seus tempos de aluno, ele era muito magro. Tal fato foi percebido por Dona Joana, que observou que havia momentos em que ele deixava de fazer suas refeições devido à carga horária intensa de atividades nos laboratórios [39]. Sempre que podia, ela levava almoço para ele. Sua casa no Parque Proletário da Gávea sempre estava de portas abertas. Ela chamava os seus muitos filhos e fazia comida para eles. José Eugênio afirma que era “uma comida de primeiríssima”, destacando a saudade da salada de maionese com camarão [40].

Além de sua atuação salvando inúmeras vidas da violência da ditadura militar, os relatos de Alberto Strozenberg e José Eugênio Leal demonstram o modo como Dona Joana afetava as trajetórias de seus muitos filhos. Suas ações eram acentuadas por um elemento afetivo intenso que dava dimensão aos seus atos que tinham escala e sentido político. Dona Joana empregava atenção especial às preocupações pessoais de seus meninos, fazendo com que ela buscasse salvar e proteger aquelas pessoas em diversos âmbitos. Ela salvava a vida, o emocional e o cotidiano em um processo completo de dedicação àquilo que a afetava. Ela gostava de política, mas gostava ainda mais do grupo em que estava inserida, das pessoas que estavam à sua volta. Ela era uma mulher que tinha seu cantinho e era gigante naquele espaço. As afecções produzidas

por Dona Joana tinham escala e sentido político fossem elas manifestadas em momentos excepcionais ou em ações simples, cotidianas e que envolviam força e gentileza.

REGISTRO DE EMPREGADO

Firma: FACULDADES CATOLICAS
 Rua: MARQUES DE SÃO VICENTE, 209
 Nome: JOANA BRANDÃO DE AGUIAR v.v.
 Nº DE ORDEM: 598 Nº DA CARTEIRA: 9517 SÉRIE: 133 Nº DA CARTEIRA DE RESERVA: Nº DA CARTEIRA DO INSTITUTO:
 Filiação: Pai: Firmino Brandão Mãe: Vitória Maria Brandão
 Estado civil: Casada Idade: 36 anos Data do Nascimento: 24 / 6 / 1922
 Nacionalidade: Brasileira Lugar do nascimento: São Luiz do Maranhão
 Instrução: Primária Quando estrangeiro: Data em que chegou: / / Nº da carteira:
 Residência: R. Marquês de S. Vicente, 147 gr. 22 casa 14 fundos Data da admissão: 3 / 9 / 1958
 Categoria e ocupação habitual: Servente incalças, remunerado Cr. \$3.800,00 mensais
 Para trabalhar das 7 às 16 horas com o intervalo de uma hora para refeição e descanso
 e aos sábados das idem horas. Forma de pagamento: SEMANAL. Contratada por 90 dias
 Nome dos beneficiários:
 Data da dispensa: 30 de Novembro de 1958 Assinatura do empregado quando possível: Joana Brandão

321 - T NOTA — Quando o empregado for analfabeto deixar a impressão digital do polegar direito no quadro vago destinado ao retrato.

Figura 4 – Ficha Registro de Empregado Joana Brandão. 1958. Acervo Núcleo de Memória PUC-Rio.

Dona Joana era uma mulher pouco letrada, com pouco ou nenhum conhecimento formal. O que ela sabia veio de outro lugar. Sua função na Universidade era ser funcionária da limpeza. Seu Registro de Empregado (Figura 4) marcava a ocupação como servente, contratação por 90 dias e recebendo \$3.800 Cruzeiros mensais. Entretanto, ela foi muito mais do que isso. Ela assumiu um protagonismo que estava muito além das expectativas. Na sua fotografia do registro, é possível notar o olhar de uma mulher jovem que não tinha ideia de que salvaria tantas vidas. Uma pessoa ativa e que, apesar de não ter muitas condições, sempre estava se movimentando para fazer aquilo que estava em seu alcance. Era uma mulher que se sentia inconformada com coisas erradas, sempre com seu espírito inquieto e incentivando todos ao seu redor.

Rafael Trindade propõe que os afetos podem ser considerados como uma forma de conhecimento. Segundo ele, “o conhecimento parte do corpo, um corpo que sente, que é afetado, que está no mundo, cercado por outros corpos” [41]. Para o autor, o conhecimento também é uma forma de afeto [42]. O saber de Dona Joana vinha do diálogo, das relações, da observação. Conhecimento através do outro, a partir do outro. Algo que só é possível adquirir através da experiência. Dona Joana sabia bem construir esse tipo de conhecimento. José Nilson conta em entrevista que ela era uma mulher altruísta, alguém que estendia a mão para todos [43]. Seu maior poder, segundo ele, era a capacidade de unir as pessoas, o prazer de conviver com todo mundo [44]. Isso se consubstanciava nos almoços que ela oferecia em sua casa simples.

Fanny Tabak foi professora do Departamento de Sociologia da PUC-Rio na década de 1980. Sua atuação profissional era intensa e tinha como foco a promoção de direitos às mulheres, principalmente no que diz respeito à inserção no mercado de trabalho. Ela sempre aparece caracterizada como uma mulher dura, fechada e com uma dedicação quase religiosa ao seu trabalho [45]. Seu feminismo era algo muito específico de sua época de formação, caracterizado pelas demandas de mulheres brancas de classe média que estavam adentrando no mercado de trabalho. Seu método de trabalho é resultado direto de sua formação política comunista e soviética. “Fanny Tabak [...] trabalhava ativamente no que diz respeito à inserção da mulher no meio acadêmico e à transformação desse espaço” [46]. Ela se incomodava as ausências que ela afirmava perceber em suas aulas, não concordava com o número reduzido de

mulheres em cursos como engenharia [47]. A partir dessas percepções, ela foi responsável pela criação do Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM), um núcleo pioneiro na América Latina. A criação do NEM surgiu em resposta à Conferência de Copenhague (1975), promovida pelas Nações Unidas e que tinha como objetivo principal a “avaliação do progresso já alcançado no que se refere à promoção do *status* da mulher” [48].



Figura 5 – Fotografia Fanny Tabak. Fotografia desconhecida. 1979. Jornal PUC Notícias, número 95.

A Figura 5 é um registro de Fanny Tabak no Jornal PUC Notícias, da PUC-Rio, em uma reportagem de 1979, na qual ela fala sobre a hipótese de criar um Centro de Estudos da Mulher na Universidade. Nesse mesmo ano, ocorreu na PUC-Rio o Seminário Mulher e Sociedade, sob a direção da profa. Joelle Juillard, da Universidade California do Sul [49]. Fanny Tabak participou relatando o seu trabalho como coordenadora no Congresso da Associação Internacional de Ciência Política, em Moscou. Sua fala girou em torno das atividades que tinham como finalidade a compreensão do papel da mulher no desenvolvimento social. Segundo ela, “a realização do Seminário está ligada a ideia de criação de um Centro de Estudos da Mulher, no CCE da PUC-Rio” [50].

No ano seguinte, 1980, o NEM surgiu como “o primeiro centro de estudos da mulher a ser desenvolvido em uma grande universidade brasileira”² [51], tendo como principais atividades ensino, pesquisa, ações comunitárias e publicações [52]. Dentre os objetivos do Núcleo de Estudos sobre a Mulher, era possível pontuar:

1. Promover cursos relacionados a problemas das mulheres, utilizando novas abordagens científicas e acadêmicas em vários departamentos da PUC-Rio e incorporando profissionais de distintos campos do conhecimento;
2. Desenvolver estudos e pesquisas sobre assuntos relevantes para mulher, publicando os resultados dentro e fora da Universidade;
3. Publicar informações sobre estudos e atividades relacionados a assuntos femininos, realizados no NEM, na Universidade e outras instituições brasileiras;
4. Criar uma área específica de documentação, reunindo publicações brasileiras e internacionais ao lado de trabalhos inéditos para auxiliar ensino e pesquisa.³ [53]

Em relação à Fanny Tabak, é interessante pensar no modo como as características que estão atreladas a ela possuem um teor que não é associado ao que temos normalmente como

² Tradução minha do original em inglês

³ Tradução minha do original em inglês

feminino. Em entrevista, a professora e artista plástica Djenane Pamplona afirmou que a vida de Fanny foi “muito masculina” [54]. Enquanto para Jung o feminino está associado ao inconsciente, receptividade e intuição, o masculino se refere à atividade, articulação lógica, produtividade e exploração [55]. Caracterizada como uma mulher dura e autoritária, Fanny não parece se encaixar em classificações binárias do que é ser feminina. Suas experiências partem do cotidiano de uma mulher inserida em uma militância feminista muito acentuada na década de 1970. Mas, a julgar pela sua trajetória, o que seria essa vida tipicamente masculina à qual Djenane se refere? Uma vida dedicada ao trabalho? No entendimento de Djenane, tal temperamento difícil era apenas uma forma de se impor em meio a um mundo de homens que “se achavam o máximo” [56]. O comportamento de Fanny em seus espaços de atuação era caracterizado como autoritário e “leonino” [57].

Independente dos motivos que levaram Fanny a construir sua identidade pautada nesse feminino que fugia dos padrões da época, a sua trajetória na PUC-Rio possui uma enorme relevância no que se refere à inserção feminina no espaço acadêmico e de pesquisa, principalmente considerando sua intensa participação em projetos internacionais.



Figura 6 – Reunião na sede do NEM. 1989. Fotografia desconhecido. Arquivo da Reitoria.

Em 10 anos de intensa atividade, o NEM publicou inúmeros livros sobre *women's studies*, realizou seminários que tinham como objetivo promover reflexões e gerar o diálogo entre instituições, incentivou a criação de outros órgãos acadêmicos semelhantes, criou boletins informativos e promoveu ações sociais com mulheres na Comunidade do Vidigal. Na Figura 6, é possível ver uma das reuniões do NEM em sua sede que, nessa época, estava localizada na Vila dos Diretórios da PUC-Rio, casa XIX [58]. Entretanto, mesmo com tantas atividades sendo desenvolvidas, o NEM foi encerrado no início da década de 1990. O súbito fim do Núcleo foi, de certa forma, surpreendente devido à falta de um motivo concreto que justificasse tal encerramento. Alguns dos documentos da época foram preservados pela professora aposentada do Departamento de Serviços Social Sueli Bulhões que guardou consigo parte do acervo. Após uma entrevista concedida a mim e à pesquisadora Sílvia Ilg, ela cedeu o material para o Núcleo de Memória. Além disso, no Arquivo da Reitoria também foi possível encontrar documentos expressivos sobre o NEM e suas atividades ao longo da década de 1980 e início da década de 1990. A partir dessas descobertas, tive acesso a documentos de grande relevância que possibilitaram uma compreensão mais ampla sobre o NEM. Tais documentos demonstram um processo de enfraquecimento do Núcleo devido às questões de natureza burocrática como, por exemplo, as trocas frequentes de liderança na coordenação do NEM. O Núcleo perdeu sua força

e a ausência de Fanny por conta de seus trabalhos internacionais auxiliou no processo que levou ao encerramento do grupo.

Segundo Djenane Pamplona, a luta de Fanny almejava maior participação da mulher em todos os âmbitos. Entretanto, tal desejo se pautava, em primeiro lugar, no ato de motivar as mulheres a lutarem por esse espaço e dar confiança para que elas pudessem ocupar os lugares de merecimento de cada uma [59]. Uma proposta de acolhimento, incentivo e apoio. É a partir de tal relação que se torna possível produzir as afecções. O encontro e o suporte proporcionando Afetos Ativos capazes de demonstrar as múltiplas formas de feminino que podem se inserir e participar de inúmeros espaços de atuação.

Rafael Trindade afirma que a paixão é uma força que se impõe sobre nós. Um afeto potente que nos ajuda a reconhecer aquilo que mais nos afeta, um elemento central que nos transforma por completo. A paixão gera uma modificação em nós, resultado daquilo que atrai nossa atenção [60]. Fanny teve uma formação política comunista e soviética, principalmente relacionada ao feminismo típico da década de 1970. O movimento das mulheres foi algo que acompanhou sua trajetória pessoal e profissional do início ao fim. Foi uma modificação marcou não apenas sua carreira, mas também seus afetos e perspectivas de mundo. Sua trajetória é marcada por uma dedicação fervorosa à causa da mulher. Ela respondia com intensidade e racionalidade àquilo que a afetava, convertendo cada modificação passional em Afeto Ativo, em ação.

Observar as trajetórias de Cleonice Berardinelli, Joana Brandão e Fanny Tabak possibilita a compreensão do modo como as narrativas particulares possuem relevância no que se refere à construção da memória e da história da PUC-Rio. Enquanto espaço de encontros, a Universidade é capaz de proporcionar diálogos que se cruzam e produzem novas formas de pensar e de conceber o mundo ao seu redor. Tal fenômeno pode ocorrer de inúmeras maneiras e a partir de múltiplos estímulos. Os afetos criados a partir desses encontros são igualmente variáveis, produzindo afetos que potencializam as ações de um indivíduo. É por meio dessas narrativas que somos capazes de operar ferramentas críticas que propiciam uma compreensão mais clara do espaço e tempo que compartilhamos hoje. E, através dos afetos, somos capazes de responder aos ensinamentos contidos nessas narrativas.

3.3 – O Corpo sem Órgãos e as intensidades afetivas

Ao se apropriarem do conceito de Corpo sem Órgãos (CsO) de Antonin Artaud, os filósofos Gilles Deleuze (1925-1995) e Felix Guattari (1930-1992) se aprofundam na compreensão desse conceito e o expandem. Ambos consideram, assim como Artaud, que o CsO é um exercício de experimentação, muito mais do que uma ideia teórica [61]. Entretanto, a forma que eles exploram o Corpo sem Órgãos é atravessada diretamente por uma ideia afetiva. Eles argumentam que o organismo é um estrato que impõe um poder sob o corpo [62]. Tal exercício de dominação ocorre através da imobilização de ações, de percepções e, por último, daquilo que temos como forma de existir. Dessa forma, para alcançar o Corpo sem Órgãos, segundo Deleuze e Guattari, é necessário passar por um processo de desestratificação, na qual o corpo desorganiza o organismo, dessignifica a significância e dessubjetiva o sujeito [63]. É dessa forma que o corpo se torna livre para ir de encontro a novas intensidades. Os filósofos, entretanto, alertam: para passar por esse processo é necessário ter cautela. A falta de prudência transforma o processo de desestratificação em algo brutal, que pode encaminhar o sujeito até a morte ou, pior, trazer novas formas de imobilização [64].

Com o processo de desestratificação feito de maneira prudente, o corpo se torna pleno. O Corpo sem Órgãos Pleno é aquele que foi teorizado por Artaud, preenchido de alegria e capaz de aumentar sua potência de agir, pensar e existir [65]. É o corpo que está aberto para novas conexões. Entretanto, alegria não é a única intensidade, o único afeto, que é capaz de preencher o CsO. Artaud afirma que o processo para alcançar o Corpo sem Órgãos pleno é fractal e

contínuo, infinito [66]. Nunca seremos capazes de levar o processo de desestratificação até o final. Sempre haverá algo a ser desconstruído ou ressignificado. Desse modo, é possível dizer que tal processo não é algo linear e os afetos que irão nos atravessar ao longo desse processo são imprevisíveis e das mais distintas naturezas.

Segundo a análise de Baruch Espinosa, filósofo holandês do século XVII, os nossos afetos são originados a partir de afecções, encontros pontuais do corpo com o mundo que está à sua volta [67]. Esses encontros são responsáveis por produzir nossos afetos e determinar a forma como nós interpretamos nossas experiências. A partir disso, nós alteramos constantemente nossa forma de agir no mundo, de existir, de afetar e ser afetado. Espinosa ainda acrescenta à discussão os conceitos de Afetos Passivos e Afetos Ativos [68]. Segundo ele, o primeiro é associado ao modo como nós recebemos determinada afecção, podendo gerar um afeto positivo ou negativo resultado de nossa interpretação. Enquanto o segundo corresponde ao modo como nós agimos perante o mundo, produzindo maneiras de afetar o outro. Ambos são conceitos complementares que se referem à forma como os afetos circulam diante do que temos como experiência e com o que está ao nosso redor, com o outro. Deixar-se afetar e ter a potência de afetar são ações necessárias para produzir relações em nosso meio social. Afinal, a potência do corpo, segundo o próprio Espinosa, é resultado de experimentações derivadas do modo como nos apropriamos da realidade que nos cerca em um emaranhado de ações e relações [69]:

O corpo se esforça para tornar-se mais forte, mais apto a regenerar suas partes, de acordo com sua capacidade de transformação e relação plural com o mundo externo. A pele é limite que separa o homem do mundo que o cerca, mas vivemos desta troca com o mundo ao nosso redor. Quanto mais amplos seus modos de agir, quanto mais complexos os movimentos, maior serão suas afecções. Por ser muito complexo, o corpo humano é capaz de muitas coisas, por ser composto por várias partes ele é capaz de ser afetado de muitas formas e agir de muitas outras. Ou seja, o corpo é um leque de possibilidades. [70]

Ao pensar sobre os conceitos de Afetos de Espinosa e Corpo sem Órgãos de Deleuze e Guattari, é importante pontuar que as intensidades que nos preenchem não podem ser reduzidas a uma forma de classificação que busca nomear cada afeto e determinar qual afeto é correspondente a cada situação. Enquanto leque de possibilidades, é possível pensar o corpo como um espaço íntimo de circulação de afetos das mais diversas naturezas. Todos somos afetados por múltiplas questões e vamos lidar com essas situações através de diversos caminhos. Entre Afetos, nós nos encaminhamos para reagir e canalizar nossa potência de determinadas maneiras. Não se trata de classificar qual Afeto está preenchendo o nosso corpo em determinado momento, mas sim aquilo que nós vamos fazer com esses Afetos. Entre um afeto e outro, o mais importante é buscar pelo equilíbrio e seguir da melhor forma possível. Segundo Déborah Danowski, filósofa e professora da PUC-Rio:

[...] afetos não são blocos atômicos e monolíticos, mas misturas instáveis, móveis e moventes, no mais das vezes passageiras são as percepções, expressões da multiplicidade relacional do cosmos (do mundo) na unidade diferencial da alma. Afetos e percepções *preendem* uma vida, e não há vida que não seja coletiva. O perigo está justamente em sua separação e sua imobilização, sua fixação em um objeto único. E eu diria que a fixação afetiva se dá no mesmo momento em que se interrompe o fluxo perceptivo, quando perdemos nossa capacidade de criar portais, canais entre perspectivas distintas. [71]

As reflexões trazidas por Espinosa, Deleuze e Guattari não são formas de aprisionar os afetos em classificações primárias. Trata-se de propor uma maneira de pensar sobre os afetos para além de uma noção puramente emocional refletindo sobre esse tema considerando uma ciência dos afetos. Estudar e refletir sobre os afetos é um caminho para a liberdade [72]. Segundo Déborah, é através dos nossos afetos que nós somos capazes de criar portais perceptivos, colocando-nos dispostos à escuta e em diálogo com o outro [73].

Quando reflito sobre as trajetórias de Dona Joana, Dona Cleo e Fanny, observo uma gama de experiências que demonstram o modo como os Afetos são relevantes para a construção do conhecimento. Se trata de uma discussão que aborda a questão dos afetos a partir da compreensão de que os afetos não são, necessariamente, os protagonistas. Eles são a nossa forma de estar em contato com as referências de nossa realidade e, ao mesmo tempo, impulsionam uma ação transformadora. A discussão sobre os afetos não passa apenas por um aspecto de compreensão dessas manifestações afetivas, mas também pelo modo como nós fazemos uso de nossos afetos e compreendemos as afecções do cotidiano. Como transformar nossos afetos em potência? Tal questionamento atravessa uma ideia de uma ciência que se apresenta de maneira mais ampla. Uma ciência que pense para além da racionalização e classificação, adotando um caráter mais perceptivo e considerando a dimensão humana, a experiência, o contato e o corpo presente.

3.4 – Conclusão

Segundo o escritor britânico H. G. Wells, “por trás dos governos míopes que dividem e administram mal os assuntos humanos, existe e cresce uma força real” [74]. Entendo Cleonice Berardinelli, Joana Brandão e Fanny Tabak como essas forças reais na promoção de mudanças em seus espaços de atuação. Falar sobre a memória dessas mulheres é repensar os direcionamentos que temos perante aquilo que temos como História Única e considerar as muitas narrativas deixadas de fora dos discursos oficiais. O que é essa força real proposta por H. G. Wells? Em minha percepção, essa força está na habilidade de agir segundo as próprias convicções, transformando nosso pequeno universo de convivência por meio daquilo que está em nossos afetos.

Quando pensamos a partir de História Única, tais narrativas acabam se perdendo e caindo no esquecimento. Peneiramos a historiografia selecionando acontecimentos até chegar em uma versão determinada da história. Nesse processo de simplificação, deixamos de lado questões relevantes que fazem parte de nosso passado e acabamos por criar uma História Única. Entre acidentes e disputas de poder, criamos uma versão da história que deixa de lado a polifonia de narrativas. O trabalho de memória muitas vezes é uma atividade monopolizada por instituições ou determinados grupos que detêm o domínio da narrativa, quando isso não deveria ser a realidade do mundo que vivemos. O Núcleo de Memória, por exemplo, encara o desafio de escrever uma história da PUC-Rio que seja polifônica, inclusiva e representativa das diferenças e conflitos existentes na comunidade. Desta forma, o Núcleo não detém o monopólio da memória da Universidade e nem deseja isso. É necessário evitar a existência de “senhores da memória” que se preocupam, sobretudo, com a dominação da narrativa que circula entre as pessoas [75]. Construir a história é, na realidade, uma atividade coletiva que navega por muitas narrativas de memória que, por sua vez, possuem um caráter ao mesmo tempo fiel e móvel [76]. Mesmo considerando que ainda temos como realidade o esquecimento e apagamento, contamos, atualmente, com uma produção historiográfica que inclui múltiplas vozes, ainda que não nos demos conta disso em nosso cotidiano.

Em seu texto *A Ficção como Cesta: uma teoria*, Ursula K. Le Guin, argumenta que as histórias que sempre ocuparam o nosso imaginário são aquelas dominadas pela ação e narrada a partir da perspectiva de um herói [77]. De fato, narrativas como essas, das ações emocionantes que mudam o rumo da história, protagonizam nossa produção literária. Le Guin, entretanto, também pontua um movimento contrário que, da mesma forma que Chimamanda, assinala a importância de narrativas que fogem dessas jornadas heroicas. A autora denomina essa nova modalidade de história vital (life story) [78]. Nesse sentido, narrativas oscilam entre experiências que nunca são únicas. Cada um experimenta o presente de determinada maneira e compreende o passado a partir de uma certa interpretação. Na concepção de Le Guin, nossas narrativas não deveriam ser ocupadas apenas por um ciclo que alcança o êxtase ou resolução

em seu arco final. O que deveria ser valorizado é exatamente o processo contínuo, o sentido carregado em cada ação, em cada palavra dita ou não dita. Como afirma a autora, “é por isso que eu gosto de romances, no lugar de heróis, eles contêm pessoas” [79]. Para Le Guin:

A ficção científica adequadamente concebida, como toda ficção séria, mesmo que engraçada, é uma maneira de tentar descrever o que realmente está acontecendo, o que as pessoas realmente fazem e sentem, como as pessoas se relacionam com tudo o mais nessa vasta cesta, esse ventre do universo, esse útero de coisas em gestação e esse túmulo de coisas que um dia foram, essa história sem fim. [80]

Dessa forma, contar histórias de pessoas vai muito além de criar personagens verossímeis na ficção. Trata-se, principalmente, de trazer um contraponto para a História Única, desmistificando percepções engessadas que existem em nossa cultura. É a partir dessa perspectiva que me interessa compreender os lugares distintos de Cleonice Berardinelli, Joana Brandão e Fanny Tabak na memória da PUC-Rio. Não enquanto heroínas, mas sim enquanto pessoas que trazem consigo trajetórias de valor com muitas coisas a ensinar, trajetórias que assinalam a importância das particularidades mais íntimas de cada uma delas. O que elas fizeram, sentiram, o modo como os seus afetos as levaram a lugares que são capazes de despertar afecções e Afetos Ativos, estimular ações que ressoem conhecimento e novas formas de ver o mundo. Narrar o feminino através de três perspectivas que são atravessadas por memórias, experiências e atuações muito distintas, mas que convergem quando o assunto é ser um agente de mudança.

O conceito de feminino para cada uma dessas mulheres partia de concepções distintas e possuía um caráter muito particular. Educação, família, relações, espaço social, ofício. Todos esses aspectos demarcam comportamentos e percepções de mundo. Seus afetos se manifestavam de maneiras diferentes em resposta às suas atuações e espaços sociais. Em suas muitas diferenças Cleonice Berardinelli, Joana Brandão e Fanny Tabak compartilham inteligência, força, coragem e perseverança para promover mudanças em um meio hostil. Observo Joana Brandão, que fez tanto na defesa dos alunos e funcionários durante a ditadura militar brasileira, mas sem precisar ser uma intelectual para deixar sua marca e se tornar um símbolo de força e resistência dentro da PUC-Rio. Penso em Cleonice Berardinelli, que se tornou uma referência internacional em sua área do conhecimento. Enquanto isso, a professora Fanny Tabak foi uma professora que se destacou dentro e fora da academia, levando o NEM para o mundo e propiciando um diálogo internacional no que se refere à defesa da causa das mulheres.

As trajetórias dessas três mulheres sinalizam modos de fugir de uma narrativa linear e enriquecem o nosso panorama de compreensão da realidade em que vivemos. Todos nós dividimos um tempo e um espaço feitos das tramas de milhares de narrativas particulares que vieram antes de nós. É através de sujeitos potentes como Cleonice Berardinelli, Joana Brandão e Fanny Tabak que é possível olhar para além de uma História Única, observando cada particularidade oculta e inexplorada que a compõe. Essas narrativas carregam consigo a história vital, a memória de um sujeito que incorpora os afetos em seu corpo sem se fixar em teorias ou em imagens estáveis em nossa cultura.

4.0 - Referências bibliográficas

[1] INOCÊNCIO, Ana Clara Amorim. Afetos Que Não Se Encerram: três mulheres na memória da PUC-Rio. *In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DA PUC-RIO*, 2021. Rio de Janeiro. **Anais do XXIX Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2021. p. 1- 23.

[2] Ibid.

[3] Ibid.

- [4] ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Epub.
- [5] Ibid.
- [6] GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e Memória do Passado. *In*: GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo. Editora 34, 2006. p. 40.
- [7] Ibid., p. 43.
- [8] Ibid.
- [9] CHIARAMONTE, José Carlos. Reflexões sobre a cientificidade da História. *In*: CHIARAMONTE, José Carlos. **Problemas da história e da História**: reflexões sobre o passado e a disciplina histórica. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio. p. 30.
- [10] INOCÊNCIO, Ana Clara de Amorim. Duas Malévolas: condicionamento e apagamento das narrativas femininas através da História. **ORÉ – Revista Discente de Estudos Históricos da UNIRIO**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 87, out. 2021.
- [11] MONTEIRO, Dulcinéa da Mata Ribeiro. **Mulher**: feminino plural, mitologia, história e psicanálise. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1998. p. 16.
- [12] Ibid., p. 22.
- [13] Ibid.
- [14] Ibid., p. 24.
- [15] Ibid., p. 23.
- [16] DE OLIVEIRA, Rosiska Darcy. Territórios do Feminino. *In*: KÜHNER, Maria Helena. **A transgressão do feminino**: ensaios sobre o imaginário e as representações da figura feminina. Rio de Janeiro: Instituto de Ação Cultural, 1989. p. 20.
- [17] Ibid.
- [18] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Cleonice Berardinelli**: biografia. Rio de Janeiro, 19 mai. 2016. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/cleonice-berardinelli/biografia>. Acesso em: 22 jul. 2022.
- [19] AMENDOLA, Gilberto. A carreira de professora é a que dá maior gratificação amorosa. São Paulo, **Estadão**, 29 jul. 2013. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/direto-da-fonte/a-carreira-de-professora-e-a-que-da-maior-gratificacao-amorosa/>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- [20] NASSIF, Luis. Cleonice Berardinelli, uma vida em versos. **Jornal GGN**. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/cultura/cleonice-berardinelli-uma-vida-em-versos/>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- [21] Ibid.
- [22] Ibid.
- [23] Ibid.
- [24] TV PUC-Rio: Série Desbravadores | Cleonice Berardinelli Ep. 01, 2020. 1 vídeo (3 minutos). Publicado pelo canal TV PUC-Rio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J5tvIYz4sQw>. Acesso em: 22 jul. 2022.
- [25] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Membros. Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/membros?title=&field_cadeira_value=&field_cadeira_posicao_value=atual. Acesso em: 22 jul. 2022.
- [26] TRINDADE, Rafael. Espinosa: origem e natureza dos afetos. **Razão Inadequada**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2014/07/15/espinosa-origem-e-natureza-dos-afetos/>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- [27] Ibid.
- [28] AMENDOLA, Gilberto, op. cit.
- [29] NEVES, Margarida de Souza. **D. Joana**: a nossa rainha Njinga. Rio de Janeiro, Núcleo de Memória da PUC-Rio, ago. 2007. Disponível em: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/perfil/saudade/joana-brandao-aguiar-1922-2003>. Acesso em: 30 jun. 2022.

- [30] Ibid.
- [31] DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. Joana. Porto, 7Graus, 2008. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/joana/>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- [32] INOCÊNCIO, Ana Clara Amorim. Afetos Que Não Se Encerram: três mulheres na memória da PUC-Rio, op. cit.
- [33] SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 19.
- [34] Ibid.
- [35] NILSON, José. Entrevista concedida a Ana Clara Amorim e Silvia Ilg Byington. Núcleo de Memória da PUC-Rio, Rio de Janeiro, jun. 2021.
- [36] INOCÊNCIO, Ana Clara Amorim. Afetos Que Não Se Encerram: três mulheres na memória da PUC-Rio, op. cit.
- [37] NEVES, Margarida de Souza, op. cit.
- [38] Ibid.
- [39] LEAL, José Eugênio. Entrevista concedida a Ana Clara Amorim e Silvia Ilg Byington. Núcleo de Memória da PUC-Rio, Rio de Janeiro, jun. 2021.
- [40] Ibid.
- [41] TRINDADE, Rafael. Espinosa: o conhecimento é o mais potente dos afetos. **Razão Inadequada**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2016/08/17/espinosa-o-conhecimento-e-o-mais-potente-dos-afetos/>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- [42] Ibid.
- [43] NILSON, José, op. cit.
- [44] Ibid.
- [45] INOCÊNCIO, Ana Clara Amorim. Afetos Que Não Se Encerram: três mulheres na memória da PUC-Rio, op. cit.
- [46] Ibid., p. 9.
- [47] Ibid.
- [48] DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA – PUC-RJ. Proposta Núcleo De Estudos Sobre A Mulher. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 1980. p. 3.
- [49] PUC NOTÍCIAS. Em cogitações criação de um Centro de Estudos da Mulher. Rio de Janeiro, PUC-Rio, ano II, n. 95, out. 1979. p. 3.
- [50] Ibid.
- [51] NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE A MULHER. Boletim Women's Studies Centre. Rio de Janeiro, PUC-Rio. [198-].
- [52] Ibid.
- [53] Ibid.
- [54] PAMPLONA, Djenane. Entrevista concedida a Ana Clara Amorim e Silvia Ilg Byington. Núcleo de Memória da PUC-Rio, Rio de Janeiro, ago. 2021.
- [55] MONTEIRO, Dulcinéa da Mata Ribeiro, op. cit., p. 25.
- [56] PAMPLONA, Djenane, op.cit.
- [57] Ibid.
- [58] TABAK, Fanny. **Carta para os diretores dos departamentos da PUC-Rio**. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 26 jun. 1982. 2f. (Descrição das atividades do Núcleo de Estudos Sobre a Mulher)
- [59] PAMPLONA, Djenane, op.cit.
- [60] TRINDADE, Rafael. Espinosa: paixões. **Razão Inadequada**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2022/08/18/espinosa-paixoes/>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- [61] DILACERDA, Lucas. Corpo sem Órgãos e esquizoanálise em Deleuze e Guattari. **Revista Lampejo**, Ceará, v. 6, n. 3, p. 319, 2021.
- [62] Ibid.
- [63] Ibid., p. 321.

[64] Ibid.

[65] Ibid., p. 322.

[66] INOCÊNCIO, Ana Clara Amorim. Corpo Sem Órgãos: arte como instrumento de construção do sujeito intelectual na PUC-Rio. *In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DA PUC-RIO*, 2020. Rio de Janeiro. **Anais do XXVIII Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2020. p. 1-19.

[67] TRINDADE, Rafael. Espinosa: origem e natureza dos afetos, op. cit.

[68] Ibid.

[69] TRINDADE, Rafael. Espinosa: o que pode um corpo?. **Razão Inadequada**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2013/08/25/espinosa-o-que-pode-o-corpo/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

[70] Ibid.

[71] DANOWSKI, Déborah. Transformações perceptivas e afetivas na Idade Terra. *In: OS MIL NOMES DE GAIA: DO ANTROPOCENO À IDADE TERRA*, 2014. Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014. p. 70.

[72] TRINDADE, Rafael. Espinosa: ciência dos afetos. **Razão Inadequada**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2016/04/26/espinosa-ciencia-dos-afetos/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

[73] DANOWSKI, Déborah, op. cit.

[74] WELLS, H. G. **Uma breve história do mundo**. Porto Alegre: L&PM, 2011. p. 364.

[75] LE GOFF, Jacques. Memória. *In: LE GOFF, Jacques. Memória – História*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, [1984]. Enciclopédia Einaudi. p. 13.

[76] Ibid., p. 46.

[77] K. LE GUIN, Ursula. The Carrier Bag Theory of Fiction. *In: K. LE GUIN, Ursula. Dancing at the Edge of the World – Thoughts on Words, Women, Places*. New York: Grove Press, 1989. Tradução: Priscilla Mello. Revisão: Ellen Araújo e Marcio Goldman. p. 2.

[78] Ibid., p. 5.

[79] Ibid.

[80] Ibid., p. 6.